

## **A Formação em Geografia e a Questão Ambiental**

**Mauro Guimarães**

A atual problemática ambiental é fruto de um processo histórico no qual a questão econômica é superior a social, promovendo uma exploração exagerada dos recursos naturais e um distanciamento entre o homem e a natureza através de uma visão fragmentada da realidade.

Para ilustrar esta questão tomemos como exemplo um texto em que as letras estão todas misturadas, somente a primeira e a última letras são coerentes à palavra. O exemplo é bastante significativo, ele demonstra claramente que não precisamos ter uma única forma de perceber a realidade, focada nas partes. Se esta fosse a única maneira, teríamos que fazer uma junção entre uma letra e outra para a compreensão da totalidade, porém apenas pela primeira e última letra conseguimos captar o que é cada palavra, não somente somando as partes, mas compreendendo todo o contexto ao qual se insere, mostrando como é construída a visão social de mundo.

Essa degradação ambiental, que hoje está sendo colocada em debate, há muitos anos atrás foi enfatizada, onde José Bonifácio em 1823 já afirmava que “nossas preciosas matas vão desaparecendo, vítimas do fogo e do machado destruidor, da ignorância e do egoísmo; nossos montes vão se escalvando diariamente e com o passar dos tempos faltarão as chuvas fecundantes que favorecem a vegetação e alimentam nossas fontes e rios, sem que o nosso belo Brasil em menos de dois séculos ficará reduzido aos paramos e desertos da Líbia. Virá então esse dia, em que a ultrajada natureza se ache vingada de tantos erros e crimes cometidos.” Deste modo, podemos perceber que a mais de 100 anos atrás já se cogitava sobre a vingança da natureza, como até hoje se continua a falar, e ao mesmo tempo, se destaca uma quase profecia da questão da desertificação, no qual José Bonifácio destacou os problemas ambientais apontando uma percepção de realidade de como a sociedade vivia e a de como sua relação com a natureza vinha gerando uma série de problemas e deteriorações.

Apesar de Bonifácio ter sido uma voz isolada naquela época, atualmente, vários estudos apontam essa realidade de forma evidente, como por exemplo, um documento produzido pela ONU em 2005, que se chama Avaliação Ecossistêmica do Milênio, no qual não se trata de um documento que aborda somente as mudanças climáticas, mas dos problemas ambientais como um todo. O relatório afirma que 60% dos ecossistemas do planeta já estão destruídos ou seriamente deteriorados. Ao

mesmo tempo em que estamos à beira do esgotamento e de um colapso pela superexploração do meio por meio do modelo de desenvolvimento da sociedade moderna. Logo, mostra-se claramente a situação em que vivemos, destacando a forma que a sociedade moderna estabelece seu modelo de desenvolvimento caracterizado pela exploração exacerbada dos recursos naturais que sustenta a riqueza gerada por esse modelo de sociedade.

A situação ambiental de hoje nos remete a uma total degradação, visto que a destruição do meio reflete na qualidade de vida da população e nos leva a pensar “tudo junto ao mesmo tempo agora”. Trata-se de um problema socioambiental, de se perceber que não é algo somente social ou da natureza, e sim que se trata da sociedade e suas relações com a natureza. Deve-se reconhecer que essas relações são complexas, propondo um agir e pensar de forma diferenciada das atuais ações, onde geralmente não há uma ação, devido à forma muito fragmentada que colocada como senso comum.

Como já dito anteriormente, a problemática socioambiental é fruto de uma historicidade que mostra o resultado da forma de como a sociedade ao longo dos anos vem se organizando para produzir e consumir aquilo que está sendo gerado pelo modelo vigente. Logo, essa questão apresenta uma crise no modo de fazer e perceber, tornando-se uma crise dos paradigmas da sociedade moderna.

Mas o que são paradigmas? Segundo Edgar Morin o paradigma é uma “estrutura do pensamento que de modo inconsciente comanda o nosso discurso”, se comandam o nosso discurso, também comandam o nosso fazer e estruturas de pensamentos, citadas por Morin, referindo-se ao pensamento do indivíduo com o pensamento coletivo. Portanto é necessário destacar o papel dos educadores em perceber essa estrutura de pensamento, ou seja, esses referenciais que atuam inconscientemente em nosso fazer, perceber e falar para que eles não façam com que o indivíduo aja no automático, conservando a problemática em questão.

Nesta perspectiva, os paradigmas tem a tendência de fazer com que tenhamos uma prática conservadora, reproduzindo as práticas sociais hegemônicas e seguindo o mesmo mecanismo de reprodução do próprio modelo. Edgard Morin chama os paradigmas da nossa sociedade moderna de “paradigma de junção”, porque estrutura o pensamento a fragmentar a realidade para poder enxergá-la dualmente. E esta concepção é colocada também na questão ambiental, onde essas dualidades são percebidas de formas separadas, não há uma relação mais complexa entre elas, e podemos perceber essa dualidade em vários exemplos do cotidiano, tais como:

morte/vida, ordem/desordem, matéria/espírito, bonito/feio. Estes exemplos mostram como agimos pensando fragmentadamente, onde olhamos uma parte dessa dualidade e negamos a outra parte. Entretanto, não percebemos esse fenômeno da fragmentação, que limita a compreensão da realidade.

Logo, cada vez mais o ser humano se percebe como não-natureza, não problematizando a questão e com isso confirmando, por meio de práticas individuais, uma visão reduzida e fragmentada que pensa o mundo a partir do indivíduo, ou seja, o indivíduo é a célula máxima da sociedade.

Na perspectiva da concepção do conhecimento, a visão fragmentada também gera uma característica bastante presente na sociedade atual que é a condição de sociedade especializada, onde há um foco na parte e outro no objeto de estudo, em uma disciplina do conhecimento. A partir do momento em que a compreensão da realidade é dada a partir da interdisciplinaridade se faz necessário a interação desses conhecimentos, tornando-se difícil de ser executado por estarmos sempre condicionados a parte e, portanto, sendo uma visão que não faz parte do cotidiano da população.

Transferindo essa discussão para o campo da Geografia nos deparamos com uma construção de pensamento geográfica voltada para a totalidade que tem no espaço geográfico suas totalidades traduzidas. Por que ao longo da história do pensamento geográfico adquirimos um raciocínio dividido entre a Geografia Física e a Geografia Humana? Porque este modo de pensar foi adquirido junto com os paradigmas da sociedade moderna, que referenciam um olhar geográfico disciplinar, fragmentado e delimitado. Então esse pensamento dualista que rege a Geografia atualmente gerou uma crise na construção do pensamento geográfico, pois como ciência, a Geografia é uma das poucas que tem por si a necessidade de fazer a relação do todo para que se possa compreender o espaço.

Portanto, precisamos de uma perspectiva de formação que busque uma visão que não fragmente a realidade, pois o que de fato acontece é a reprodução dessa visão dual que vemos nos concursos que classificam as áreas em Humanas e Físicas, onde se faz necessário pensar em um currículo mais integrado que modifique a forma de agir e pensar que confirma o paradigma da sociedade moderna.

Quando estamos presos a essa armadilha adquirimos uma limitação de compreensão que acarreta em uma incapacidade discursiva, ou seja, falamos dessa dita realidade e baseamos nossos referenciais teóricos nela. Logo, como primeiro passo,

necessitamos romper com essa armadilha ao qual todos estamos sujeitos, a todo tempo, através do desenvolvimento da capacidade de reflexão da teorização, para que não fiquemos presos a um pensar automático. Devemos ir além desse conhecimento disciplinar, que não está suprimindo a situação complexa vivida hoje, atuando de maneira diferenciada.

Por conseguinte, a vontade educacional busca a relação de uma visão integrada, propondo uma ideia “da parte para a parte” e “do todo para o todo”. Então, este é o papel da ciência geográfica: constituir uma ciência unificada, buscando a transversalidade da compreensão socioambiental. A questão não é discutir quem, o geógrafo físico ou o geógrafo humano, vai tratar a respeito das demandas socioambientais, pois esta nos remete a todos nós.

A Geografia deve trabalhar a questão ambiental de forma a se trabalhar uma questão ambiental que possa romper com essa visão fragmentada e se alcance a verdadeira transversalidade da dimensão ambiental, que se coloque aberta ao todo, aberta as relações, aberta as trocas. Porém, devemos buscar essa relação dentro do próprio espaço escolar, para que as trocas se estabeleçam de forma mais coletiva, essencial para o processo pedagógico.

Os geógrafos precisam atuar dentro de uma visão socioambiental do “tudo ao mesmo tempo agora”, buscando caminhos que criem na sociedade movimentos contra hegemônicos, ao mesmo tempo em que alimenta esses movimentos dentro da própria realidade escolar, local e mundial. O fortalecimento e a potência desses movimentos são fundamentais para a construção de novas realidades, novas dialéticas que possam estar trazendo a população para esses novos contextos. Essa transformação deve derivar de uma ação conjunta, ou seja, é necessário que cada um faça sua parte e se junte a um movimento coletivo que esteja baseado na organização, liderança e intenção crítica.

Deste modo, são os geógrafos os responsáveis e as lideranças dinamizadoras desse movimento de transformação da realidade socioambiental e a esperança para a legitimação dos movimentos contra hegemônicos, e este contexto que se traduz na relação entre a Geografia e a questão ambiental se resume em um fragmento de uma poesia de Cecília Meireles:

“No mistério do Sem-Fim  
equilibra-se um planeta.  
No planeta, um jardim.

No jardim, um canteiro.

E no canteiro, o dia inteiro.

Entre o mistério do Sem-Fim e o planeta,  
a asa de uma borboleta...”.